

**OLIVEIRA, JÚLIO CÉSAR MAGALHÃES DE.  
POTESTAS POPULI. PARTICIPIATION POPULAIRE ET  
ACTION COLLECTIVE DANS LES VILLES DE  
L'AFRIQUE ROMAINE TARDIVE (VERS 300-430 APR. J.-  
C.), TURNHOUT, BREPOLS, 2012, PP.375<sup>1</sup>.**

Fabiano Fernandes<sup>2</sup>

O texto representa um importante passo no aprofundamento de uma “História vista por baixo”, e é fruto de uma tese defendida na Université de Paris Ouest Nanterre em 2005, publicada em 2012. Contrariando as expectativas geralmente nutridas com relação a pesquisas dedicadas à Antiguidade Tardia o autor consegue identificar, a partir de uma discussão sistemática do corpus agostiniano, as pressões e ações políticas da plebe no período romano tardio. A análise dos diferentes significados dos termos ao longo de cartas e sermões são feitas com apuro metodológico e precisão.

Na introdução são apresentadas a perspectiva historiográfica de onde parte o trabalho e alguns dos conceitos que foram utilizados. No balanço historiográfico o autor consegue explicitar a originalidade de sua perspectiva e afirmar que apesar do estudo do papel da plebe romana ter se aprofundado em tempos recentes, frequentemente a ação política desta é tratada como uma mera reação a um contexto de crise específico ou como derivada do condicionamento das relações de patronato. Afirma que ao estudar a participação popular devem ser levadas em conta as ações institucionais e não institucionais dos membros da plebe urbana na vida das igrejas e cidades. Logo, a conduta da plebe urbana no norte de África seria derivada muito mais de um conjunto de estratégias concertadas do que de uma ação irracional diante de momentos-chave ou apenas de crise.

---

<sup>1</sup> Translated by Patrícia de Freitas Camargo.

<sup>2</sup> Professor Doutor. Universidade Federal de São Paulo – Guarulhos, SP, Brasil. e-mail: [fabiano.fernandes@unifesp.br](mailto:fabiano.fernandes@unifesp.br)

Na primeira parte da obra, intitulada *Les expériences constitutives de la vie plébéenne*, o autor recorre a um conjunto polivalente de fontes para esclarecer sua problemática desde fontes administrativas, passando pelas cartas de Agostinho, ou ainda pelo cruzamento de fontes de cultura material e arqueológicas. Apresenta uma discussão substantiva sobre o significado do termo plebe e compara de forma sistemática as formas de assentamento de oficinas urbanas nas cidades, com particular ênfase para com as condições de trabalho e sociabilidade. Nesse aspecto, a sua ênfase persiste no estudo das camadas inferiores da sociedade romana tardia, extraindo de forma minuciosa a maior quantidade de informações possíveis das fontes em discussão. Logo, a ênfase recai sobre as relações de sociabilidade e suas consequências para a ação política, tratadas com rigor no item 4 da parte 1, intitulado *les réseaux de sociabilité*. Neste item o fundamental é a percepção do autor sobre o papel das ligações formais e informais na gênese de ações coletivas, que frequentemente eram levadas em conta pelos grupos dominantes da sociedade em suas estratégias de governança.

A segunda parte da obra, intitulada *La plèbe chrétienne et les élections ecclésiastiques*, é delicada a estudos de caso em diversas cidades norte-africanas. O estudo do papel ativo da plebe nas eleições eclesiásticas e no estabelecimento de uma política mais intransigente na repressão ao paganismo é o cerne desta parte. Os argumentos são bem articulados e convincentes. São enfatizadas as eleições em Cirta, Hipona, Chercheil (Caesarea), dentre outras. O autor explora o vigor da implantação do cristianismo na província romana da Mauritània Cesariana e seus desdobramentos, levando em conta o papel das dissidências religiosas cristãs como pano de fundo das disputas das eleições episcopais. Os conflitos na comunidade de Cesarea chegam a ser descritos, conforme destacado pelo autor, como uma « *foule séditeuse considérable une seditiosa plurima multitudo, constituée en grande partie par des « pauvres gens* » (2012: 214), ou seja, os *pauperes* - a maior parte da comunidade, constituída de plebeus de condição média e trabalhadores - não se restringiam ao papel de assistidos pela Igreja, mas buscavam ter um papel ativo na condução das questões das igrejas Norte-Africanas.

Na terceira parte, intitulada *Conflits et violences urbaines*, a iconoclastia dos cidadãos de Calama e Hipona recebe particular atenção, dentre outros assuntos. A trama dos conflitos sócio-religiosos é desfiada em torno de temas específicos, tais como a questão da estátua de Hércules e as manifestações de junho de 401 em Cartago. Estas manifestações surgem entorno da conversão de Faustinus, rico *argentarius* pagão e inimigo declarado da comunidade cristã. Essa conversão foi alvo de desconfiança de boa parte da plebe, pois supostamente teria ocorrido por mero interesse. As cartas de Agostinho relativas ao conflito são datadas com excepcional precisão, com diferença de poucos meses, municiam os argumentos do autor. Oliveira identifica que a resistência à conversão de Faustinus derivava do temor da plebe urbana de que essa fosse apenas uma estratégia de ascensão social do referido *argentarius* e uma forma de lançar o

domínio sobre a comunidade cristã. O argumento é tomado parcialmente de empréstimo de Agostinho, mas é remodelado e solidamente evidenciado pelo o autor, que explicita mais uma vez o papel ativo de grande parte da plebe nos assuntos político-religiosos. O autor afirma que: *En effet, c'est précisément parce que la voix du peuple était vue comme la manifestation de la volonté de Dieu et l'expression de l'opinion publique, que les autorités civiles ou ecclésiastiques ne pouvaient pas contester sa légitimité, même lorsque le peuple s'attribuait un rôle bien plus actif que celui que ses dirigeants acceptaient de lui concéder* (2012: 248). Portanto, a pressão popular não se restringia aos momentos de maior crise, mas de maneira institucionalizada ou não era um importante fator a ser levado em conta nas decisões dos poderosos. Logo, como nas palavras do autor, a violência era uma forma de continuar o debate político por outros meios, inclusive nas violências perpetradas pela plebe nos afrontamentos políticos (2012: 274).

Os protestos da plebe evidentemente não se restringiam às questões religiosas, mas eram uma forma normal de contestação contra as dificuldades econômicas, opressão social ou contra os detentores da autoridade nas cidades. Contudo, as principais fontes para o estudo da África do Norte nos séculos IV e V eram de origem eclesiástica. O autor trata no item 10 da terceira parte do caso de um soldado ou funcionário real que foi assassinado no contexto de 409 a 412 devido ao excesso de exações, e que teve seu caso registrado por escrito, sobretudo devido ao fato de ter sido arrastado da igreja aonde buscou abrigo e pelo fato do bispo ter sido acusado pela comunidade de Hipona de não ter intervindo em favor dos que se sentiam prejudicados pela exação. Neste item, o autor conclui que as revoltas faziam parte integrante do diálogo entre a população e as autoridades, mesmo quando as vias de fato não se concretizavam.

A despeito da plebe urbana viver sob um governo imperial autocrático, de um sistema municipal aristocrático, e sob o poder crescente da Igreja, esses fatores não impediram que ela agisse em diversos contextos como atores políticos na parte ou no todo com boa margem de independência política. Os argumentos do autor são sólidos e convincentes. O livro merece quanto antes uma tradução para o português.

